

SOBRE HISTORIA DA LITERATURA

SERGIO BUARQUE DE HOLANDA

A publicação integral do "Auto de São Lourenço", atribuído a Anchieta, com boas ou más razões (mas segundo o padre Serafim Leite) será o ponto de partida para a divulgação sistemática da poesia e do teatro anchietaños a ser empreendida pelo Museu Paulista, de acordo com os textos, que ainda se conservam em grande parte inéditos nos arquivos da Companhia de Jesus, em Roma. Suponho que ela fornecerá elementos para um exame mais acurado e mesmo para uma revisão, em certos pontos, do primeiro capítulo da história da literatura e das ideias no Brasil e repercutirá sobre outros aspectos dos estudos brasileiros.

Todavía é o aspecto literário o que deverá interessar-nos mais vivamente, na medida em que a literatura possa ser considerada sem explícita referência a outras atividades, sociais e culturais. Que isso seja possível e em alguns pontos desejável, parece-me fora de qualquer dúvida, e aqui mesmo, em artigo publicado em fins do ano passado tive ocasião de acentuar esse ponto de vista em face da tendência para subordinar as fases aparentes de nossa evolução intelectual às circunstâncias da evolução política.

Se é certo que num estudo de história literária, a literatura ha de ser compreendida como parte de um todo e se para a boa inteligência de sua evolução é necessário discriminarem-se, com frequência, suas relações com a sociedade que a abrange e de algum modo a condiciona, parece-nos hoje bém claro, em todo caso, que ela deva constituir o objeto principal do historiador ou do crítico literário e ser considerada, onde preciso e possível, sem explícita referência a outras atividades. Considerada e estudada em seu caráter específico, se assim se pode dizer:

O problema complica-se quando sabemos da existência de técnicos empenhados atualmente em assinalar uma espécie de incompatibilidade radical entre a história literária e a crítica. Existiria, de fato, essa incompatibilidade? Creio firmemente que não, mas o assunto merece consideração mais atenta, e por isso tentarei abordá-lo antes de tratar propriamente da poesia e do teatro jesuíticos, no Brasil, que será objeto de outro artigo.

Entre os pregoeiros daquela suposta incompatibilidade consta um numero sem dúvida limitado, mas particularmente ativo, de criticos e poetas norte-americanos devotados ao estudo da metafísica da poesia e

à demanda de padrões estéticos e formais applicaveis a semelhante estudo. Sua campanha verdadeiramente isolacionista nos dominios da critica atingiu a culminancia quando ha poucos anos duas revistas representativas do grupo, a "Southern Review" e a "Kenyon Review" organizaram em comum um "symposium" para o combate aos metodos de ensino da literatura nas universidades norte-americanas. As mais graves censuras eram dirigidas ao fato de aqueles institutos se dedicarem a historia, não a critica literaria, quando o contrario, em sua opiniao, era o que se deveria fazer.

Embora partindo de pequena facção, expressiva em grande parte de interesses, sentimentos e até ressentimentos locais — não é por acaso que a maioria dos colaboradores procede do sul dos Estados Unidos —, o tema focalizado justificava largos comentarios. A sem razão das censuras foi mostrada, entre muitos outros, por um critico que em geral se distingue menos pela justeza dos seus julgamentos do que pelo fervor das suas opinioes. Mas se algum dia Yvor Winters disse uma palavra justa foi quando assim se manifestou a respeito daquela campanha: "Não creio (...) que a historia da literatura possa ser bem entendida, uma vez que não se tenha a respeito uma compreensão critica; parece-me contudo evidente que uma compreensão critica é com frequencia absolutamente impossivel sem um conhecimento amplo da Historia. Compreensão critica e historia são apenas duas faces de um unico e mesmo processo".

Essa manifestação é particularmente significativa, procedendo, como procede, de um espirito que não é menos avesso ao historicismo — planta de origem germanica e que nunca deitou raizes fundas no solo da America, do que aos positivismos. Mas sua crença na existencia de formas objetivas e absolutas de perfeição artistica não o leva a acreditar com outros criticos, que a literatura do passado só pode viver plenamente em nossos dias, se considerada como "literatura do presente".

Já se tem mostrado como a reabilitação dos poetas seiscentistas por certos autores modernos teria resultado de um paralelo illusorio entre a função das imagens na poesia barroca, de um lado, e no simbolismo francês e seus derivados, de outro. O mal-entendido foi assinalado de modo sobretudo decisivo na obra recente de

Rosemond Tuve sobre as imagens elizabetanas e "metafisicas", especialmente com relação a Donne e aos poetas ingleses da primeira metade do seculo XVII, mas suspeito muito que uma análise mais ampla daria resultados semelhantes no caso de Gongora, por exemplo, e de toda a poesia culterana, que tamanha influencia vem exercendo sobre a moderna literatura. E' claro que o fato de se assinalar esse mal-entendido não importa em negar a justiça de muitas daquelas reabilitações.

Um pequenino exemplo, apanhado quase a esmo, serve para mostrar o cego engano dos que menoscabam qualquer consideração historica no estudo da literatura e particularmente na critica literaria. Em fins do seculo passado e principios do atual, um verso de frei Luiz de León —

a toda la espaciosa y triste
Espania

— alcançou viva popularidade entre escritores espanhóis da geração de 98, pela sua e moderna e porque parecia admirar bem a paisagem castelhana, arida e sombria. Esse julgamento, segundo mostrou Damaso Alonso, funda-se num suposto falso, pois a adjectivação empregada tinha realmente valor diverso do que lhe atribuíam esses apologistas apressados: "espaçosa" queria dizer "dilataada, ampla, grande", e "triste" não significava uma qualidade inerte e permanente, mas "triste pela invasão que se espera".

Exemplos como esse, e poderiam citar-se muitos outros, parecem indicar como os criterios rigidamente "isolacionistas" e expressamente anti-historicos constituem muito mais um estorvo do que um socorro para o estudo direto e particularizado da obra literaria, que constitui, ao cabo, a finalidade propria de toda verdadeira critica.